

**Ronald de Carvalho , Erico Veríssimo e Carlos Nejar:
um olhar sobre a organização de três Histórias da Literatura Brasileira**

letrônica

Cibele Beirith Figueiredo Freitas¹

*A intenção organizadora de uma história
da literatura justifica suas omissões e
ênfase.*

David Perkins

O contato inicial com o assunto foi obtido durante as aulas da disciplina de História da Literatura, ministradas pela professora Maria Eunice Moreira. Após as leituras realizadas e debatidas nas aulas, referentes ao assunto, houve interesse em analisar como cada autor constrói sua história da literatura brasileira. Dessa forma, irão servir de *corpus* para a referida apreciação as seguintes obras: *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, *Breve História da Literatura Brasileira*, de Erico Verissimo e *História da Literatura Brasileira*, de Carlos Nejar, levando-se em consideração que os três elencados são escritores brasileiros. Os teóricos que fundamentarão os argumentos para esse trabalho são David Perkins e Hugo Achugar.

Escrever uma história da literatura implica ordenar os fatos do passado em uma ordem cronológica, reordenando-os no tempo presente não apenas com sentido de ruptura, mas de continuidade, anunciando assim tempos novos.

Assim, ao levar-se em conta a organização da *Pequena História*, escrita em 1919, por Ronald de Carvalho, pode-se observar que o autor faz inúmeras divisões e subdivisões

¹ Graduada em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pela PUCRS (2007). Atualmente, é mestranda em Teoria da Literatura pela PUCRS e bolsista integral CAPES.

desde o início até o final da obra. A narrativa inicia com a apresentação do autor, na qual consta que, além de ingressar na carreira diplomática, também era poeta, tendo publicado várias obras de poesia no Brasil e algumas traduzidas para o exterior. Após a apresentação, há um prefácio assinado por Medeiros e Albuquerque, membro da Academia Brasileira, o que abona a obra. No prefácio, Medeiros critica os escritores de histórias literárias anteriores e diz que Ronald é original, “é o primeiro que sabe escrever”.

Posteriormente ao prefácio, há a introdução na qual Ronald menciona o que será tratado e faz uma pequena divisão em subtítulos, sendo o primeiro intitulado “A Atlântida”. Segundo David Perkins, em histórias da mesma literatura os narradores escolhem diferentes pontos de partida. Os narradores geralmente partem de histórias artificiais para dar início à sua história. É o que se pode visualizar no início da narrativa de Ronald, que começa a sua história nebulosamente, com uma visão mitológica da Atlântida, na qual demonstra várias teses sobre a existência da ilha de Atlântida, como se houvesse uma espécie de “criação do mundo” para então aparecem as “terras brasileiras”. Ele parte de um universalismo, até chegar à consagração do Brasil, fazendo uso de muitas adjetivações para mostrar o “mundo paradisíaco” que é o Brasil, com “suas florestas fartas e inajestosas, suas riquezas infinitas, seus ancoradouros claros e profundos, suas montanhas de recortes caprichosos,” (CARVALHO, 1968, p. 19) nas quais constrói a literatura. No entanto, a artificialidade com que o narrador inicia a *Pequena história* preserva a sucessão de eventos escritos, numa ordem cronológica que pode ser considerada incompleta, mas não pode ser definida como incorreta. Na época em que foi escrita, essa foi a primeira história literária que usou o “Brasil maravilhoso” como mito fundador.

O segundo subtítulo é denominado “O meio físico”, no qual o autor apresenta um panorama das regiões brasileiras, da vegetação, do clima e do homem que habita esses lugares, destacando o sertanejo Euclides da Cunha e o litorâneo Joaquim Nabuco.

Na terceira parte, “O homem – o meio social”, o autor usa como hipótese a raça e o meio, baseado na influência do escritor Sílvio Romero, como elementos que participaram da formação da literatura brasileira. Ao final, termina o capítulo com um quarto componente, a conclusão do capítulo, na qual reforça as belezas brasileiras e a busca da civilização por uma literatura que mostre a cor local.

Após essa parte introdutória, a obra é dividida em oito capítulos, os quais são subdivididos mais adiante em grandes períodos literários. O capítulo um, denominado “A literatura no Brasil: as escolas literárias e as influências européias”, refere-se ao Romantismo,

pós-independência do Brasil, como marca da emancipação da literatura brasileira. Para ilustrar esse período, cita o indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar. Para ele, Gonçalves Dias foi “sem dúvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquele que nos integrou na própria consciência nacional” (CARVALHO, 1968, p. 220).

O capítulo dois denomina-se “A poesia e as lendas populares no Brasil” e se subdivide em: “Poesia” e “As lendas e os mitos”. Essa categoria de sua divisão quase não aparece nas outras histórias da literatura e chama a atenção pela preocupação do autor com a literatura oral. Segundo Achugar, “as memórias dos grupos marginalizados não fizeram parte da memória oficial e ficaram relegados ao âmbito do oral, no melhor dos casos, ao âmbito da escritura privada” (ACHUGAR, 2003, p. 59). Ronald não se vale apenas de obras canônicas para a formação da sua história, apresentado em 1919, uma idéia atual, afirmando que “os donos da memória já não são mais os donos da palavra” (ACHUGAR, 2003, p. 60).

Após tratar da literatura popular, há uma mudança na maneira de fazer as classificações. O narrador passa a usar a periodização cronológica do capítulo três até o final da narrativa para representar as escolas literárias e a escolha canônica referentes a textos e autores. Dessa forma, propõe organizar a obra em três grandes períodos: “Período de formação: 1500-1750”, no qual o autor inicia criticando o reinado de Dom Manuel, “cuja felicidade não emparelhou com a sabedoria e a prudência, nada se fez em benefício do Brasil” (CARVALHO, 1968, p. 67), denotando o domínio do pensamento português e mostrando que a literatura só adquire real valor a partir das manifestações que se distanciam da raiz européia.

O segundo período chama-se “Período de transformação: 1750-1830”, fase instituída para a formação da literatura brasileira, enfatizando a escola mineira e os poetas menores, tentando mostrar a literatura brasileira sem tantas influências portuguesas.

O período subsequente, “Período autônomo: 1830 até os nossos dias”, é marcado pelos românticos e naturalistas ao trazerem influências européias para a literatura brasileira. Ao se observar essa divisão, verifica-se que há o uso de datas redondas, não há modulações, dando uma idéia genérica de que os fatos ocorreram exatamente nas datas sugeridas, o que nem sempre corresponde à verdade.

Quanto à escolha canônica precebe-se que ele privilegia os poetas, muitas vezes a partir da proposta de histórias anteriores dos seus antecessores, como *A História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero (1888) e *A História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo (1916), ocupando-se de várias citações de fragmentos desses autores para ilustrar sua

narrativa. Segundo Perkins, “as histórias da literatura são feitas a partir de histórias da literatura” (PERKINS,1999, p. 45).

Na construção do cânone, o autor classifica a obra de Gregório de Matos como a mais significativa do período colonial e detém-se nela ao longo de vinte e seis páginas, exaltando o poeta e mostrando muitos fragmentos da sua poesia. “O sentimento brasileiro só com Gregório de Matos é que, realmente, começa a aparecer” (CARVALHO, 1968, p. 99). E completa: “Ele foi, para resumir, o primeiro espírito varonil da raça brasileira” (CARVALHO, 1968, p.126). Destaca também Basílio da Gama como “um verdadeiro precursor dos românticos” (CARVALHO, 1968, p.153) com a sua obra *O Uruguai*.

Como representante máximo do Arcadismo brasileiro elege Cláudio Manuel da Costa, afirmando que ele contribuiu para o desenvolvimento da poesia brasileira. Entre os poetas românticos, destaca Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves. Como prosadores, acredita que “Somente com Manuel de Macedo e José de Alencar é que a prosa da ficção tomou fisionomia própria, ganhou contornos definitivos” (CARVALHO, 1968, p. 245).

Além desses, faz muitos elogios à obra de Machado de Assis, afirma que “Machado é, sem contestação, sob vários aspectos, o mais significativo dos escritores da língua portuguesa” (CARVALHO, 1968, p. 315). Destaca como simbolista Cruz e Souza: “ele introduziu em nossas letras aquele horror da forma concreta” (CARVALHO, 1968, p. 351).

Na *Pequena historia*, a condição da formação da literatura brasileira em termos nacionais dar-se-ia a partir da independência, com a constituição de uma nação brasileira, na qual existisse uma cultura local que permitisse à sociedade identificar-se, e a literatura seria então a expressão definitiva, sendo constantemente comparada com a literatura européia. Segundo Ronald, é entre a poesia barroca e o Simbolismo que se expressa a nacionalidade da literatura do Brasil.

Outra história da literatura cuja estrutura servirá de *corpus* de estudo para este trabalho é a *Breve História da Literatura Brasileira*, escrita por Erico Verissimo em 1945, nos Estados Unidos, sendo traduzida e publicada no Brasil apenas em 1995.

A *Breve História* inicia com uma “Nota da tradutora”, assinada por Maria da Glória Bordini, na qual ela esclarece que essa obra é resultado de conferências pronunciadas por Erico Verissimo na Universidade da Califórnia e que há a pretensão de ser fiel ao texto original, optando apenas por modificar a enumeração de autores e obras por grupos de afinidades.

Após essa nota, vem o “Prefácio”, no qual o narrador explicita todos os mecanismos que foram utilizados para a escrita de sua obra. Segundo Perkins, “[...] a narrativa histórica [...] pode preencher os critérios essenciais da narrativa porque pode descrever – e com frequência descreve – a transição, através do tempo, de um estado de coisas a outro diferente, e um narrador nos conta essa mudança” (PERKINS, 1999, p. 1). É o que se observa na *Breve história*, quando o autor declara que não teve nenhuma fonte anterior, tendo que “confiar na memória”, o que talvez não corresponda à verdade, uma vez que se percebem no texto idéias de Sílvio Romero e Ronald de Carvalho. Ele assegura que a obra contém um caráter humorístico, como um conjunto de pequenos ensaios, sendo escritos para serem lidos primeiramente em conferências públicas, servindo-se da comicidade como estratégia de sedução do público, e justifica a influência do seu cânone: “o leitor seguramente entenderá a minha posição, se eu lhe disser que não sou um crítico, mas um contador de histórias” (VERISSIMO, 1944, p. 14), omitindo-se de qualquer juízo sobre as suas escolhas, concedendo assim um caráter ficcional a sua história.

Em seguida, a narrativa é dividida em doze capítulos, apresentando uma forma singular na abordagem dos períodos, nos quais estrutura a literatura brasileira usando, na maior parte das vezes, fragmentos de obras ficcionais para intitulá-los. No primeiro capítulo, denominado “Tão boa é a terra”, usa um fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha, remetido a Portugal após descobrimento do Brasil, sendo a descoberta de terras brasileiras o mito fundador de sua história literária. Ele acrescenta também, nessa primeira parte, que a sua “breve história” tem um caráter inacabado, deixando claro que o “esboço da literatura brasileira tem a natureza do mais ou menos” (VERISSIMO, 1944, p. 16).

Outro aspecto que se pode verificar é a liberdade do autor em manifestar sua opinião, uma vez que emite juízos explícitos, como, por exemplo, ao chamar o poeta José de Anchieta de “mediocre”. Perkins assegura que não há história neutra, “parecerá mais apropriado que um historiador da literatura seja fortemente partidário porque, dessa forma, revela a perspectiva dos escritores que são seu assunto” (PERKINS, 1999, p. 5). O narrador da *Breve História* chama atenção também para aspectos sociológicos do Brasil, como a raça e o meio, combinando tais idéias com as de Ronald, apresentando a poesia dos excluídos, as lendas populares, as quadrinhas, as lendas indígenas, as fábulas de origem africana como elementos formadores dessa literatura, mostrando um Brasil multicultural, imerso “numa cultura que é flagrantemente híbrida” (VIEIRA, 2003, p. 97). Outra particularidade da obra é

que ao descrever o panorâmico momento histórico, político e econômico brasileiro, Erico mostra paralelamente uma visão ampla da história mundial.

O segundo capítulo, denominado “É dessa matéria que as nações são feitas”, Erico apresenta um tom de protesto em prol da consciência política dos artistas no século XVII, afirmando que muitos deles “apoiaram ditadores e caudilhos; venderam suas pernas ao diabo; prostituíram a literatura” (VERISSIMO, 1944, p. 29), apresentando o Período Barroco, no qual há a presença de uma literatura fortemente marcada pela influência européia, destacando alguns poetas brasileiros.

No capítulo seguinte, “Problemas da Arcádia”, inicia com a *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, apresentando um panorama da economia social brasileira e explicando as modificações das academias para as arcádias. Sendo o século XVII um período de transição entre o Arcadismo e o Romantismo, Erico anuncia ao final do capítulo “um acontecimento que deveria transformar toda a vida do País,” (VERISSIMO, 1944, p. 44) proclamando a chegada de Dom João ao Brasil. Uma característica encontrada na obra é o uso de muitas descrições para caracterizar a tipologia dos personagens, como ao descrever Dom João como “sujeitinho baixote” (VERISSIMO, 1944, p. 44), ou comparações, como a que fez sobre Dom Pedro I, ao declarar que “tinha muito de Pedro Malazarte, do jabuti e de Gregório de Matos”, dando um caráter de “malandro” a Dom Pedro.

O quarto capítulo traz a chegada da corte portuguesa, chamando atenção para as mudanças que ocorrem com esse novo panorama. Esse capítulo intitula-se “Minha terra tem palmeiras”, fragmento retirado da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, como recurso que anuncia o Período Romântico e a independência brasileira. Após longas descrições do cenário político-econômico, encontram-se ocorrências como: “Em minha opinião, o Romantismo foi uma veste especialmente talhada para a alma brasileira,” mostrando a subjetividade de tal período (VERISSIMO, 1944, p. 50) e o posicionamento do autor, que pode ser visto ao longo de toda a narrativa. Para ele, Castro Alves é visto como um grande poeta social, “em vários de seus poemas, Castro Alves antecipou as reivindicações proletárias que viriam muitos e muitos anos mais tarde” (VERISSIMO, 1944, p. 54).

O capítulo subsequente tem o sentido de contrapor a proposta do Romantismo. Com o título “Sim, tem serpentes e escravos também”, fragmento retirado da poesia de Castro Alves, ele traz à tona o realismo. Inicia sua escrita com uma descrição minuciosa e irônica de Dom Pedro II. Nesse parte, o autor dá destaque muito especial à obra de Machado de Assis, falando do romancista ao longo de seis páginas. Ao final do capítulo, acrescenta que Machado

foi um grande contista: “É no domínio do conto que Machado de Assis foi insuperável (...) Seus contos são verdadeiras obras-primas, que poderiam honrar qualquer literatura” (VERISSIMO, 1944, p. 74).

O sexto capítulo, “Largas são as asas de pégaso”, traz subjacente em seu título a abolição da escravatura, marcando o Parnasianismo e, na última década do século XIX, o Simbolismo, que elege como representantes Cruz e Souza, usando como caráter sociológico a raça e o meio com forte influência: “era negro e tinha alma sofredora” (VERISSIMO, 1944, p. 83), e acrescenta: “penso que talvez sejam uma alusão à cor da pele” (VERISSIMO, 1944, p. 83), comparando a sua obra a traços físicos e de temperamento. Ao final, menciona Sílvio Romero e José Veríssimo como “dois gigantes” do campo da crítica. Elogia a *História da Literatura Brasileira* de Romero e faz duras críticas a Veríssimo, afirma que “como crítico era bem intencionado (...). Mas sua escrita não possuía encanto e seus pontos de vista careciam de perspectiva sociológica” (VERISSIMO, 1944, p. 85).

“O século era moço e cínico” é o título, carregado de ironia, que ele Erico dá ao sétimo capítulo, no qual apresenta o século XX, marcado pelo individualismo e influenciado pelos europeus. Para exemplificar o período, traz um conto de Lima Barreto, no qual há forte crítica à sociedade brasileira. Cita vários escritores e afirma que “a Europa era seu alimento, a França sua pátria espiritual” (VERISSIMO, 1944, p. 85). Segundo ele, *Os sertões* era a obra mais lida do momento, e depois de sua publicação “brotou por todo o Brasil (...) um tipo de literatura regional cujos heróis eram gente do interior e cujas paisagens eram nativas, como nativos eram também seus problemas, conflitos e paixões” (VERISSIMO, 1944, p. 93-94). Dá destaque ao regionalismo, trazendo autores e obras com compromisso de fazer uma literatura social que reflete ou expressa costumes e tradições existentes.

O oitavo capítulo, intitulado “Os movimentados anos 20”, abre com uma metáfora de um avião que sobrevoa uma ilha: “vê-se o todo, sem captar os detalhes,” (VERISSIMO, 1944, p. 97) e compara essa visão a quando se está escrevendo sobre literatura, ao se falar dos séculos passados. Essa noção assemelha-se com a idéia de Perkins, ao mostrar que “a linha de eventos que forma a narrativa é selecionada de um passado muito mais vasto e amorfo do que o conhecido pelo historiador da literatura” (PERKINS, 1999, p. 4). Perkins acrescenta: “qualquer que seja a intenção, [...] qualquer narrativa parecerá incompleta e, de certa forma arbitrária, pois qualquer evento pode ser disposto em seqüências narrativas diferentes” (PERKINS, 1999, p. 4). É o que confessa Erico na sua história ao demonstrar a dificuldade de avaliar os eventos de cada época. Ele dialoga com o leitor e afirma novamente que é um

“simples contador de histórias.” Há uma grande preocupação do narrador para não tecer classificações apressadas em meio a grande diversidade de escritores e obras encontradas na contemporaneidade. Após estabelecer o diálogo com o leitor, traz uma visão da época e menciona, dentre eles, Monteiro Lobato, com seu famoso personagem Jeca Tatu, e declara: “Gosto de Lobato como escritor e como homem,” (VERISSIMO, 1944, p. 104) atribuindo a ele função de agente transformador da literatura nacional.

O capítulo nono é chamado “A pedra e o caminho”, expondo uma parte do poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, ilustrando a “Semana da Arte Moderna”, ocorrida em 1922. Erico aponta escritores e obras que marcaram o período e acrescenta: “em minha opinião, o movimento modernista foi uma espécie de encruzilhada de onde se originaram os múltiplos caminhos da cena literária brasileira de hoje” (VERISSIMO, 1944, p. 116).

“Uma literatura chega à maioridade” é o décimo capítulo, no qual refere-se aos anos de 1930: “a década de 30 trouxe à literatura brasileira sua maioridade” (VERISSIMO, 1944, p. 119). Há um “balanço do Modernismo”, no qual apresenta “os lucros e as perdas.” Como ganho do período, aponta poetas como: Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Augusto Meyer e Jorge de Lima. No campo da prosa, elenca Mário de Andrade, com *Macunaíma*, destacando que “Andrade usou a linguagem falada pelas pessoas comuns do Brasil, (...) é uma peça de folclore muito preciosa, bem como uma obra de arte admirável” (VERISSIMO, 1944, p. 119). O que marca a “maioridade” para Erico é o fato de os escritores começarem a se interessar pelos problemas nacionais e escreverem suas histórias em torno dessas questões. Após isso, faz inúmeras classificações de autores e obras que acha relevante e termina o capítulo declarando: “E aqui encerro este capítulo com a vaga sensação de que recém terminei de copiar um guia telefônico...” (VERISSIMO, 1944, p. 126), demonstrando a ironia e a presença do humor, que é uma marca constantemente na *Breve História*.

No décimo primeiro capítulo, denominado “Entre Deus e os oprimidos”, o autor separa a literatura em dois pólos: o primeiro subjetivo, “penetrante no reino do mistério,” e o segundo objetivo, “físico”. Faz então uma abordagem positiva dos grandes poetas, dando destaque para Cecília Meireles e Mário Quintana. Após apresentar a década de 1930, trata das relações político-econômicas a partir do Estado Novo e do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e a Itália.

O último capítulo, “Colcha de retalhos”, traz a metáfora da colcha para ilustrar o Brasil, que é formado a partir de vários “retalhos”, os estados. Erico inicia com a pergunta:

“qual é o romance mais representativo do Brasil?” A partir dessa questão, ele apresenta as várias regiões do Brasil, com seus costumes, denotando a literatura produzida em cada um desses espaços, uma espécie de “guia de viagem e de cultura”. Ao final do capítulo, chama atenção para o aspecto da língua, das diferenças lingüísticas regionais e caracteriza o povo brasileiro: “os brasileiros são boêmios, não se importam muito em enriquecer [...] Vivem mais pelo coração do que pela razão. Gostam do ócio e têm um prodigioso senso de humor” (VERISSIMO, 1944, p. 153). A partir da figura do brasileiro como “boêmio, amigo, despreocupado com o lucro”, o autor, que proferia conferências nos Estados Unidos, faz uma forte crítica ao povo norte-americano. Erico quer provar que a literatura do Brasil é diferenciada por ter esse caráter mais humano. No final do texto, dirige-se em defesa de uma literatura nacional, independente das influências européias, “escritores brasileiros deixaram de ser meros malabaristas verbais, imitadores esnobes das modas literárias européias ou tíbios elfos, habitantes da torre de marfim; pisaram em terra e deram as mãos ao homem comum nessa cruzada universal por um mundo melhor de paz, fraternidade e liberdade” (VERISSIMO, 1944, p. 153). Há então uma ratificação do autor, na qual compromete-se com a produção literatura, no seu papel de escritor.

Quanto à escolha de seu cânone, em *Breve História da Literatura Brasileira*, Erico mostra uma grande apreciação pela poesia, abolindo a tese de que pelo fato de ser romancista daria preferência à prosa. Segundo ele, dentre vários escritores, “a figura mais importante da literatura brasileira no século XVII foi Gregório de Matos” (VERISSIMO, 1944, p. 35), devido a sua representação das tendências da raça em formação. Para ele, “O poeta mais significativo do primeiro Período do Romantismo no Brasil foi Gonçalves Dias” (VERISSIMO, 1944, p. 51). e como prosador do período cita José de Alencar, e afirma: “não vejo nenhum outro escritor de língua portuguesa que se compare a ele no que tange a enredo e ação” (VERISSIMO, 1944, p. 54). Como o escritor que teria convicção de sua função social, cita: “a maior figura de todo o Período Romântico foi Castro Alves, o primeiro de nossos poetas conscientes do social” (VERISSIMO, 1944, p. 53).

Seguindo, ele forma seu cânone também por campos: como sociólogo, destaca Gilberto Freire e Oliveira Viana; nos ensaios bibliográficos, cita Lúcia Miguel-Pereira, Vianna Moog e Edgar Cavalheiro; como crítico de arte e literatura, elenca Mário de Andrade, Afrânio Peixoto, Artur Mota, Álvaro Lins, Em termos de história da literatura, elogia a *Pequena História da Literatura*, de Ronald de Carvalho, e acrescenta “é uma verdadeira obra-prima no seu gênero” (VERISSIMO, 1944, p. 122).

No Modernismo, acrescenta Vinícius de Moraes que, segundo Erico, "escreve um gênero de poesia decididamente de alto nível" (VERISSIMO, 1944, p. 127). Os versos de Carlos Drummond de Andrade são considerados "obras primas da ironia". Traz ainda Augusto Frederico Schmidt como "o mais ilustre de todos os modernos poetas brasileiros." (VERISSIMO, 1944, p. 131), mas em tom confessional elege seus poetas favoritos, quais sejam: Cecília Meireles e Mário Quintana.

A *Breve História da Literatura* tem como foco principal a tarefa social de expor aos norte-americanos um panorama da história e da arte produzidas pelo povo brasileiro, bem como a avaliação nítida das obras e dos escritores que, para ele, ocupam um lugar de extrema significação dentro do contexto nacional. O fato de Erico não ser um historiador, mas um leitor privilegiado e um ficcionista, é uma característica peculiar na sua narrativa. O caráter de brevidade, de "esboço", demonstra a sua humildade em fazer uma história parcial, menor, mas com uma boa abordagem crítica. Segundo Perkins: "a história da literatura inclui a crítica literária," (PERKINS, 1999, p. 22) o que dá muita credibilidade a sua narrativa.

A organização da terceira história que será cotejada nesse trabalho denomina-se *História da Literatura Brasileira: Da carta de Pero Vaz de Caminha à Contemporaneidade*, escrita pelo poeta Carlos Nejar, no ano de 2007.

Nessa obra, o narrador inicia com uma "Apresentação" com citações de vários autores de diferentes áreas, como Gilberto Freire, Harold Bloom, Guimarães Rosa, Carlos Fuentes, entre muitos outros, como uma espécie de "teoria universal da literatura". Há a presença de inúmeras generalizações, como por exemplo, ao afirmar que "o Classicismo e o Romantismo se sucederam por intermédio de poetas do Modernismo" (NEJAR, 2007, p. 11). Verificam-se muitas "idéias soltas", num tempo em que tudo pode ser "moderno." Não há uma unidade no texto, havendo inúmeros sintagmas isolados, um ao lado do outro, faltando uma organização na tessitura das idéias, deixando o leitor muitas vezes confuso. Uma tese para o uso de múltiplas vozes seria a de que talvez Nejar quisesse mostrar que é um profundo conhecedor de literatura, um erudito, possuidor de uma cultura variada.

Na "Introdução", o poeta-autor faz referência ao uso da linguagem, usando a palavra como o principio de toda a criação, caracteriza os diversos gêneros e continua valendo-se de um conjunto de opiniões de diversos autores (Platão, Bakhtin, Mário Quintana). Nessa parte inicial da obra, Nejar declara estar "ciente de que aqui estão os autores essências e suas correntes literárias dentro da sua perspectiva" (NEJAR, 2007, p. 20). A partir dessa

declaração, denota-se que a narrativa tem a pretensão de ser definitiva, completa, sendo que não existe uma história da literatura que englobe tudo.

Após as duas primeiras partes, há a divisão da obra em trinta e quatro capítulos, ao longo das quinhentas e quarenta páginas, todos independentes entre si, sem a presença de um elo de ligação entre os elementos de cada capítulo. No primeiro capítulo, “A carta fundadora,” nomeia-se a carta de Pero Vaz de Caminha o mito fundador de sua história. Nejar inicia a obra observando os aspectos da carta e afirma que a identidade só existe no momento em que a terra é palavra vivida, afirmando que Pero Vaz tomou posse através de uma carta.

O segundo capítulo, “Bahia, ilha da maré”, trata da obra *A ilha da maré* para ilustrar o Barroco, seguindo a Gregório de Matos e à retórica sacra de Antônio Vieira. No capítulo três, “Arcádia e os poetas de Minas no século XIX,” há a apresentação de Cláudio Manuel da Costa e outros simbolistas, sem haver uma caracterização do período.

No capítulo quatro, “O primeiro romantismo brasileiro,” Nejar retrata o século XIX com a chegada da família real ao Brasil e afirma que no Romantismo há uma busca pela consolidação da identidade nacional. Como precursor pertencente a essa escola elege Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Na sua narrativa, percebe-se a inclusão das idéias de historiadores da literatura, como Luciana Stegagno-Picchio, Sílvio Romero, Nelson Werneck Sodré e Ronald de Carvalho.

A partir desse capítulo, especialmente, quase não há a caracterização histórica das épocas, nem muitas considerações sobre os movimentos. Ele usa os capítulos com intuito de situar a que escolas os autores pertencem, destinando suas divisões, na maior parte das vezes, aos dados biográficos e bibliográficos dos escritores, como uma espécie de “dicionário de autores e obras”. Perkins afirma que “a taxonomização implica raciocinar num círculo hermenêutico. Uma taxonomia literária inclui um nome, [...] um conceito e um cânone agrupados sob o mesmo conceito” (PERKINS, 1999, p. 44). Percebe-se que não há uma cronologia de um capítulo ao outro, cada um pode ser lido independentemente, não havendo uma ligação entre um capítulo e o que vem a seguir, havendo uma maior preocupação em apresentar a vida dos autores e fazer crítica literária das obras dos mesmos, sem contextualizá-las e periodizá-las.

Outro aspecto que de destaca na obra é o que diz respeito ao tamanho de cada capítulo. Enquanto o capítulo onze: “Sousândrade: ou de como um poeta estranhamente extrapola todos os conceitos de escola e tempo”, possui duas páginas, o capítulo vinte e sete: “O romance de 30 e seus afluentes”, é formado por setenta e seis páginas, não havendo uma

regularidade no tamanho de cada capítulo, o que denota que Nejar privilegia alguns autores e se detém menos em outros.

Ao se observar a divisão dos períodos, nota-se que ele inicia com o Barroco, passando pelo Arcadismo, Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Realismo, Naturalismo, Pré-Modernismo e Modernismo. O Pré-modernista termina na página cento e oitenta e sete, o que demonstra que ele detém-se, mais da metade do livro (trezentas e cinquenta e três páginas, aproximadamente) no período modernista brasileiro em diante, exibindo uma falta de critérios também no tamanho da abordagem de cada época literária.

Ao abordar seu cânone, verifica-se que é bastante vasta a predominância dos poetas, talvez por Nejar ser um poeta há uma maior abordagem desse gênero. Percebe-se esse predomínio inclusive na nomeação dos capítulos, como: “Arcádia e os poetas de Minas no século XIX”, “Poetas de intermédio ou pré-simbolistas”, “Sousândrade: ou de como um poeta estranhamente extrapola todos os conceitos de escola e tempo”, “Poetas do Modernismo”, “Outros poetas e alguns do segundo Modernismo”, “Poetas da geração pós-modernista”, “Poetas da luz no deserto e do deserto na luz”, “Poetas emblemáticos da Geração de 1945”, “Destacados poetas, fora dos dois extremos: João Cabral e Ledo Ivo” e “Poética do romance contemporâneo”.

Dentre os vários escritores, privilegia Machado de Assis, ao qual destina o sexto capítulo: “O gênio de Machado de Assis”, discorrendo sobre o assunto ao longo de doze páginas. Afirma que “foi um grande romancista, [...] dos maiores que já tivemos” (NEJAR, 2007, p. 88). Ao longo da narrativa detém-se a um capítulo, “O Rio Grande Eterno”, para a apresentação dos poetas do seu Estado, o Rio Grande do Sul, destacando dentre eles, Simões de Lopes Neto e Alcides Maya. Traz Monteiro Lobato e a literatura infantil, declarando que Lobato “é o inventor da literatura infantil e infanto-juvenil, [...] criando personagens maravilhosas que povoam a infância” (NEJAR, 2007, p. 180). Elenca o sociólogo Gilberto Freire, os modernistas Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho, afirmando que “sua *História da literatura*, ainda que pequena, denota sua grande vocação de intérprete, com visão singular da realidade” (NEJAR, 2007, p. 260). Como Pós-modernos, agrega Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Lila Ripoll e Lara de Lemos. Destaca ainda alguns autores do romance de trinta, como Rachel de Queirós e Jorge Amado. Traz ainda Erico Veríssimo, mas não comenta sua *Breve história*.

No capítulo vinte e oito, “Poetas da luz no deserto”, traz João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo. Há também João Guimarães Rosa e Cecília Meireles. Como cronistas, elenca

Rubem Braga, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, e alguns menos conhecidos na área das Letras, como José Sarney (provavelmente eleito ao cânone por ser amigo de Nejar).

No final da obra, lista mais de cem críticos, teatrólogos, representantes da literatura infanto-juvenil, ficcionistas, poetas, humoristas, tradutores (surgidos a partir de 1960) afirmando que estão na espera de uma apurada análise, fazendo já uma pré-divulgação para a sua próxima obra. Após isso, tece uma breve conclusão explicitando sua admiração pela língua portuguesa.

Ao atentar para a organização das três histórias da literatura, verifica-se que cada um dos autores escolheu diferentes critérios para estruturar a sua narrativa. Mesmo tendo em comum o fato de os três autores serem escritores e exercerem a função de diplomatas brasileiros, cada um deles escreveu em uma época distinta e usou critérios diferentes para a sua narrativa, desde a abertura até a eleição do cânone, sendo a escrita da história arbitrária, dependendo apenas da intenção de quem escreve.

A partir da idéia de arbitrariedade, pode-se perceber que cada autor vai organizar diferentemente as principais divisões de sua obra. A *Pequena história*, de Ronald de Carvalho, escrita em 1919, baseia-se em uma organização cronológica e temporal, na qual há três grandes períodos com os respectivos anos (Período de Formação: 1500-1750, Período de Transformação: 1750-1830 e Período Autônomo: 1830-1870) para explicar a formação da literatura brasileira (comparando com as escolas literárias européias), expondo paralelamente os fatos históricos brasileiros.

Na *Breve história*, datada de 1945, Erico nomeia ficcionalmente os capítulos a partir das obras que caracterizam cada período. Ele divide o livro em doze capítulos, todos interligados entre si, há o uso de figuras de linguagem e o fragmento de obras para ilustrar suas aberturas de capítulos. Além disso, ele se vale muito dos acontecimentos históricos, sempre apresentado um panorama sobre os fatos de cada época, utilizando uma linguagem acessível e mantendo um diálogo permanente com o seu leitor.

Já na *História da Literatura Brasileira*, de 2004, verifica-se que Carlos Nejar organiza o sumário de sua obra a partir dos autores que irá abordar e algumas vezes nomeia a escola a que determinado escritor pertence. “O critério seguido neste trabalho é o de reunir os mais significativos autores de nossa cultura”, afirma ele na orelha da obra. São muitos capítulos, não havendo uma preocupação em estabelecer uma cronologia e nem em explicitar os momentos históricos. É uma espécie de “enciclopédia da literatura brasileira”.

Desse modo, percebe-se que não existe uma história literária linear, caracterizada por uma visão totalizante e unificada. Há histórias literárias, algumas mais ficcionais, como a de Erico, outras com caráter mais historiográfico, como a de Ronald, algumas fragmentadas e de leitura exaustiva, como a de Nejar. Cada uma delas é um fragmento de uma totalidade, com diferentes pontos de vista, com diferentes organizações, sendo escritas em épocas diferentes, num tempo que não é mais linear, mas fugaz e voraz, no qual cada indivíduo irá revisar os critérios de seleção e então, eleger o seu cânone literário.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *A escrita da história da ou a propósito das fundações da nação*. In: DIMAS, Antonio et al. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1937.

PERKINS, David. *História da literatura e narração*. Tradução Maria Ângela Aguiar. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, v.3, n. 1, março de 1999.

Recebido em: 25/08/2009

Aceito em: 30/09/2009

Contato: cibelifreitas@yahoo.com.br